

UM RÁPIDO PASSEIO PELO BAIRRO VILA NOVA

Maria Lúcia de Souza RICCI

Prosseguindo com o estudo sobre Bairros Campineiros que venho realizando já há alguns anos, gostaria que conhecessem, se bem que num vôo de pássaro, a Vila Nova, situada na zona norte da cidade de Campinas.

Esta pesquisa foi apoiada em três vertentes que me permitiram o resgate da história deste bairro. Tais visões foram, simultaneamente, diferenciadas e complementares: a primeira, coletada através da bibliografia e do acervo público e particular; a segunda, obtida em periódicos, material iconográfico e fotográfico e, a terceira, por meio de relatos de vida de seus antigos moradores.

Para levá-la a efeito, não perdi de vista a articulação concomitante entre o urbano, o agrário e o industrial, de efetiva repercussão no cotidiano, uma vez que o processo de urbanização da cidade implicou em um referencial mais amplo, onde as relações agricultura/urbanização, agricultura/industrialização, industrialização/urbanização, cultura/industrialização/agricultura foram responsáveis pela forma de organização da população no território em relação às transformações na produção. Isto significa dizer que, teoricamente, houve uma relação entre o crescimento do processo de urbanização e o desenvolvimento do modo de produção capitalista, com uma relação historicamente sustentável entre os setores agrário, urbano e industrial, sendo tal desenvolvimento contraditório e heterogêneo.

Ao longo da pesquisa sempre estive empenhada em motivar a comunidade envolvida: desde os moradores mais antigos, seus familiares, associação de bairro, comunidade religiosa..., enfim, todos que direta ou

indiretamente pudessem participar desta *grande viagem de reconstituição* do local em que vivem, onde desfrutaram seus momentos felizes e também infelizes, para que passassem a *ver* e não apenas *olhar* como seu espaço foi/vem sendo ocupado através do tempo.

Entre vários estudiosos lembro FURET (s.d.) e LE GOFF e NORA (1976) que abriram espaços para que pudesse sentir e vivenciar a história, à medida que pude então vê-la e senti-la como a transformadora da realidade sócio-econômico - político-cultural. Assim trabalhei, interpretando e exercitando a prática nesta Ótica, na tentativa de reproduzir a sociedade num estudo articulado onde estive atenta as suas mais diversas flutuações, considerando que as relações são sempre dinâmicas e espontâneas.

Não parti de restos do passado para chegar a uma síntese, mas, de um sistema presente para atingir os índices de limites do passado, ou seja, presentifiquei uma situação já vivida, uma vez que, vejo a *história como um diálogo interminável entre presente e passado* (CARR, 1976) já que estuda as transformações sociais, sendo seu objeto primordial de análise uma determinada sociedade, em determinado momento, pensada como um todo e em processo, ou seja, em permanente movimento.

Com isto deixo claro que se deve ter presente num trabalho como o realizado, a preocupação com o tempo, com a duração, com a mudança e com as resistências a ela, com suas transformações e permanências. Por isto que ao longo, deste estudo procurei também definir as mudanças qualitativas e/ou quantitativas constatáveis no tempo considerado, sem esquecer das persistências e resistências às mudanças.

Evidencio ainda que nenhum dos depoentes foi excluído da experiência histórica por eles vivenciada; desta forma foi possível a cada um deles se interrogar acerca de sua historicidade, sobre a dimensão histórica de sua família, de seus amigos, de seu bairro, de sua cidade, de seu estado, de seu país, enfim, de seu tempo. O importante foi demonstrar e crer na validade de como era operacionalizado o construído refletindo para o que significava o processo histórico e a riqueza da produção desse conhecimento a fim de que todos refletissem sobre os *como e porquê* das transformações sócio-político-econômico-culturais havidas neste espaço, o que acabou por me levar a confirmar que o conhecimento histórico é algo construído e não uma verdade absoluta.

Lembro ainda o quão importante foi a utilização da imagem como instrumento de análise na construção do conhecimento intersubjetivo por permitir aos depoentes a formulação de críticas sobre as mais diferentes realidades.

O atual bairro Vila Nova, frente aos oito outros anteriormente estudados, se apresentou como um espaço onde seus moradores são muito religiosos procurando vivenciar o amor ao próximo apesar do espaço ser na atualidade muito voltado às atividades comerciais (especialmente de autopeças).

Em outro ângulo, como também acompanhei a história da Vila Nova através das Cartas, Mapas e Plantas disponíveis, constatei ao analisar o Mapa do ano de 1929, que suas ruas foram logo rasgadas após a abertura dos loteamentos (comparando com o de 1920), mas permaneceram de terra por longo período (até meados dos anos 1960) e com precária infra-estrutura.

Inicialmente eram pouquíssimas as casas lá existentes, muito pequenas, simples e algumas remanescentes da fazenda Santa Genebra antiga propriedade do Barão Geraldo de Rezende. Estavam localizadas numa baixada (onde hoje é a Avenida Imperatriz Leopoldina), com muito brejo, local preferido das *taboas*, com fossas espalhando muitos detritos por toda à parte e durante o período da seca com muita poeira. Adveio deste fato a alcunha dada aos seus moradores de - *pés vermelhos* - que de longe eram conhecidos ao chegarem, por exemplo, ao centro da cidade para efetuarem compras ou venderem alguns produtos que cultivavam. O curioso foi que vários depoentes que ouvi lembraram com risos e saudades como eram recebidos (décadas 1930/50): “os pés vermelhos, os pés sujos chegaram”.

De fato pelo que analisei da Vila Nova sua história principiou com a construção de uma capelinha (meados de 1929) pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado (era ainda um apêndice da fazenda Santa Genebra) à beira da estrada. Por ter sido atingida por um raio, quando de um forte temporal que assolou esta região, com o choque a torre da pequena capela desabou. Assim, a 13 de janeiro de 1951, acabava sua curta vivência que propiciou, todavia, o primeiro momento do bairro e sua decorrente marcha para o progresso.

Foi a iniciativa do então bispo da cidade - D. Paulo de Tarso Campos - ao tomar conhecimento do estrago havido com a capela, construir uma paróquia na região, incentivando os moradores para a edificação do que seria a atual Igreja de Nossa Senhora das Graças (inaugurada em 1953) e cuja obra foi iniciada em fevereiro de 1949. Enquanto a Igreja não terminou, as missas eram celebradas ou num barracão de sapé localizado na Estrada da Boiada como era conhecida a atual Imperatriz Leopoldina ou num dos quintais oferecidos pelos moradores.

A União Social de Cultura e Esportes (ainda ao final da década de 1950) fez com que os moradores da Vila Nova descobrissem seu caminho: o trabalho comunitário que desde então é ligado à Igreja Católica. Foi a União a precursora da Sociedade Amigos do Bairro. Esta União e a união deles que conquistou para a Vila Nova, segundo os depoentes, o posto médico, o de puericultura, além do serviço odontológico que em 1961 atendia a população na poeirenta Rua Carolina Florence. Ainda com o esforço comunitário foi criado o Dispensário dos Pobres e dos Vicentinos que muito contribuiu também para o desenvolvimento da região do Grameiro, contíguo ao Parque Taquaral e próximo à Vila Nova. Era/é este local muito pobre e para onde alguns moradores da Vila Nova se viram obrigados a ir morar por dificuldades financeiras na década dos anos 1960. Pelo mesmo motivo, outros tantos se dirigiram para o ainda incipiente Complexo São Marcos e Jardim Santa Mônica (todos localizados na região noroeste da cidade).

Lembro ainda que o ensino elementar durante longos anos aconteceu na Vila Nova no Salão Paroquial da Igreja e com a cooperação do SESI. Antes disto ocorrer (até 1960) era, segundo a fala dos depoentes, o ensino ministrado às crianças em casa de uma senhora - D^a Alzira - que foi a primeira pessoa no bairro a se preocupar com a educação infantil e mestra da qual muitos entrevistados lembram com saudades e respeito. Mas, é o Padre Roccato (foi o primeiro pároco da Igreja lá permanecendo até seu falecimento em 1986) o grande “ídolo” destes moradores, sobretudo por o reconhecerem como um liberal e o principal batalhador pela melhoria da qualidade de vida e crescimento da Vila Nova.

As temáticas recorrentes que apareceram durante as entrevistas foram basicamente atinentes a religião, esportes, moradia, namoro, relações

familiares, relações de vizinhança, vestuário, saúde, trabalho, transportes, comércio, comportamento e educação.

Na Vila Nova atualmente sua população é de classe média baixa (se é que se pode ainda encontrar este tipo de classe social na cidade...), seu comércio é voltado em grande parte para o de autopeças e serviços em geral, seus edifícios são de porte singelo e as moradias no geral também simples. Todavia, foi significativo e chamou minha atenção a preservação de forte identidade entre moradores/espço e valores sócio-culturais (entre os mais antigos deles que foi o objeto da pesquisa).

Por outro lado, constatei e parece estar lá ocorrendo também, confirmando as palavras de BAUDRILLARD (1990) ser seu alerta positivo: que estamos vivenciando uma época onde *persiste um estado de todas as utopias realizadas através de uma reprodução indefinida de ideais, fantasmas e sonhos e que não ficaram postos no passado*. E as utopias/fantasia/simbolismos entre os antigos moradores da Vila Nova são muito vivos mesmo (basta lembrar que vários deles se chamam ainda de pés vermelhos); acreditam em feitiços, assombrações, no poder de fazer figas, cruzar os dedos, etc.

O que me causou certa estranheza foi o fato de que muitas das transformações em curso na atualidade estão sendo vivenciadas e apercebidas pelos entrevistados de forma supérflua, não parecendo entenderem bem o quanto muitas delas lhes afetou a qualidade de vida, seja em suas condições objetivas (moradia, transporte, salário, etc.) seja nas condições subjetivas (afetivas, culturais, valores e crenças).

Bem por isso é que estou ainda me questionando de que maneira o significado das transformações ocorridas em Campinas vem atingindo e/ou não o indivíduo em sua relação com a sociedade e tentando responder, retorno a SCHAFF (1992: 102 e segs.) quando se indagou: o que acontecerá com indivíduos deste tipo que parecem não identificar bem as transformações? Como sentirão as implicações resultantes das modificações para suas vidas?

Por outro lado, vi neste espaço a preservação da história pessoal e da teia de relações grupais (família, amigos, etc.), que existe um certo equilíbrio emocional nestes moradores, mas onde os perigos que vivenciam parecem estar apenas à frente deles o que os colocou *numa*

encruzilhada, que os levou, por um lado, a construir uma individualidade não percebida e, por outro, o fato de investirem em movimentos coletivos/simbólicos: missas, orações em casa de família... enfim, tudo muito vinculado àquela religiosidade que propiciou a origem/desenvolvimento do bairro. Parece que até o momento a ruptura com marcos ideológicos, familiares e religiosos, com a construção de novos temas, não estão presentes pelo menos com relação a estes antigos moradores do espaço dos *pés vermelhos*.

As transformações sócio-culturais que implicaram em significativas mudanças na qualidade de vida de sua população, pelo que verbalizaram alguns depoentes, estão sendo valorizadas ainda através do grau de satisfação das necessidades espirituais e, num segundo plano, é que apareceram as materiais, o que me levou a inferir que os indivíduos estão fazendo um enfrentamento cotidiano e procurando fazer escolhas, mais ou menos racionais, para poder lidar com a complexidade da sociedade em que vivem.

Frente ao observado no bairro da Vila Nova (no que tange à qualidade de vida) achei oportuno me reportar ao documento do Centro de Alternativas de Desarrollo (CEPAUR, 1986) quando questionava o modelo de desenvolvimento, afirmando que o melhor é aquele que oferece condições no sentido de elevar a qualidade de vida das pessoas, porém satisfazendo suas necessidades básicas. E pude observar que isto para estes cidadãos campineiros, *ex-pés sujos*, não é muito evidenciado, pois, prevalece a ilusão subjetiva que os faz satisfeitos por terem condições razoáveis de sobreviverem, como afirmou a maioria dos depoentes que fizeram também questão de dizer que

o bairro não é de fato como antes onde havia muito verde, sem barulho de caminhões, os vizinhos trocavam receitas, as crianças brincavam nas ruas, à tarde, depois da janta, todos se sentavam às portas para conversar e iam à reza sem medo de violência. Mas, ainda é muito bom morar aqui...

Em verdade, pois, neste panorama que apresento sobre a Vila Nova, quero finalmente evidenciar que ao longo dos meses de convivência que mantive com alguns de seus antigos moradores, nada mais oportuno

que lhes aplicar o critério avocado pelo Cepaur - *na vida é preciso realizar - e os ex-pés vermelhos* estão até hoje realizando de forma coletiva seu espaço!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal. Ensaio sobre os fenômenos externos*. Campinas, Papirus, 1990, p. 10.
- CARR, E. H. *Que é História?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 29.
- CENTRO DE ALTERNATIVAS DE DESARROLLO (CEPAUR). *Desarrollo a escala humana. Uma opción para el futuro. Artigo 1. América Latina. Crisis y petplejidade*. N° especial. Santiago, Cepaur/Fundación Dag Hammars Kjöld, 1986.
- FURET, François. *A oficina da história*. Lisboa, Gradiva, s.d., p. 134.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.
- SCHAFF, Adam. *A sociedade informática*. São Paulo, Unesp/Brasiliense, 1992, p. 102 e segs.

